

Editorial

A *Poiésis*, revista do Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense apresenta nesta edição o dossiê 'Arte contemporânea: anacronismo e pós-conceitualismo' organizado pelo filósofo Pedro Hussak van Velthen Ramos. A discussão tratada no texto introdutório ao dossiê parte da indagação se a passagem do "moderno" para o contemporâneo e da "especificidade do médium" para a "condição pós-médium" não estaria imersa em uma teleologia da história. O filósofo português Nuno Cresso examina como a contemporaneidade do artista não pode ser pensada cronologicamente uma vez que as próprias obras implicam temporalidade própria diversa daquela linear do senso comum. O artigo de Peter Osborne em torno do qual o dossiê foi organizado desenvolve uma elaboração conceitual do contemporâneo como uma forma disjuntiva do tempo histórico (como ideia, problema, ficção, e realidade globalmente transnacional), e passa a dar um relato das convergências e mudanças que se reforçam mutuamente no caráter da obra de arte e nas relações sociais dos espaços artísticos. O texto de Éric Alliez estabelece um diálogo com aquele de Osborne a partir da análise dos trabalhos de Daniel Buren e de Gordon Matta-Clark e da desconstrução ao mesmo tempo dos limites da autonomia da arte e da arquitetura.

Em face do caráter internacional do dossiê, optamos por uma conexão nacional mediante uma reflexão ligada ao principal evento de artes visuais do país, a 32ª Bienal de São Paulo. Em 'Linha, Realidade, Incerteza. Ensaio a partir da proposta de 32ª Bienal de São Paulo', Tânia Rivera parte do conceito curatorial para discorrer sobre a relação da arte com a Realidade e o Real tal como concebe Jacques Lacan, relacionando-os poeticamente aos trabalhos de Anna Maria Maiolino e Cildo Meireles e à reflexão sobre a transformação das incertezas e da fragilidade em gesto artístico. Também como parte da conexão, publicamos *Sotto você*, poema inédito de Anna Maria Maiolino, cujo trecho é citado no ensaio e foi gentilmente autorizado pela artista.

Entre os artigos selecionados, destaca-se 'Repetição: Movimento e transformações' de Renata Cristina Alves e Martha de Mello Ribeiro que abordam como a questão da repetição nos processos artísticos de Pina Bausch adquire um sentido de produção de singularidades sob a ótica da teoria deleuziana. Ismael Monticelli busca apresentar questões sobre o processo de criação em artes visuais e a sua imbricada relação com a paisagem a partir do encontro fortuito com um antigo mapa da Lagoa dos Patos e seus arredores. A partir do entrecruzamento das percepções do artista com referenciais da literatura, da teoria da arte, da filosofia e da geografia, aponta procedimentos possíveis de se pensar sobre o processo de criação na universidade sem abrir mão da incerteza e da espontaneidade inerentes ao fazer artístico. Fernanda Pequeno propõe uma aproximação entre a linguagem plástica de Tunga e o pensamento filosófico de Georges Bataille, articulando questões formais, matéricas e conceituais presentes no pensamento do filósofo francês e nas obras do artista, relacionando tais problemas com o erotismo e o informe. Bárbara Bergamaschi Novaes realiza uma análise dos curtas-metragens do diretor Joel Pizzini com intuito de pensar as materialidades da comunicação dentro de uma corrente pós-hermenêutica. Vislumbra os filmes de Pizzini como potência sensorial e afetiva, no contexto do cinema expandido que se configura a partir de diversidade de suportes, dispositivos e experiências e nas multiplicidades temporais. Lucas Nassif discute os conceitos de diagrama e de dispositivo a partir do debate entre Peter Eisenman e Rem Koolhaas, tentando pensá-los por intermédio das relações entre arquitetura e arquitetura conceitual. Esses conceitos são premissas para uma interpretação pessoal da imagem da queda do Muro de Berlim para além de seus fragmentos expostos enquanto cultura e turismo. Os três últimos artigos têm o museu como questão em comum. Aline Dias analisa "Boots" filme de Tacita Dean a partir das relações espaciais de projeção no contexto expositivo e das ressonâncias desta estratégia na percepção do trabalho pelo espectador. O artigo discute a interação de "Boots" e o Museu de Serralves uma vez que foi filmado na casa de Serralves, primeira sede da Fundação; mais que locação, é o ponto de partida da obra, pois além de receber a obra em sua coleção e temporariamente no espaço expositivo, o museu assume o lugar (físico e discursivo) de cooperação com a artista e de objeto de seu trabalho. Também o artigo de Ana Chaves aborda a relação de uma obra de arte a partir do museu; aqui se trata da sobrevivência da obra emblemática de Brancusi 'Mademoiselle Pogany' após o incêndio do Museu de Arte Moderna/RJ de 1978. A autora aproxima-se de algumas questões a cerca

da produção discursiva entre a imagem, a obra e a história da arte associada ao processo de reconstrução do acervo do MAM/RJ. Já o texto de Mariana Estellita inicialmente localiza o trabalho de Paul Otlet, teórico responsável pelo desenvolvimento do sistema de catalogação museológica e em seguida discute as inconsistências de sua aplicação a acervos de arte contemporânea baseando-se nas teorias pós-estruturalistas que fundamentam a transição do meio específico em arte, para sua condição de “*pós-medium*”.

A seção Página do artista foi dedicada a Luciano Vinhosa artista e pesquisador em artes visuais que apresenta o trabalho ‘Lunares’, montagem fotográfica a partir de imagens realizadas no MAC (Museu de Arte Contemporânea de Niterói) na ocasião em que esteve fechado para reforma.

Fechamos esse número com os Cadernos de Pesquisa nos quais são apresentados os resumos e as fichas técnicas das pesquisas de mestrado concluídas em 2015, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Fluminense.

Agradecemos a Pedro Hussak van Velthen Ramos pela organização do dossiê ‘Arte contemporânea: anacronismo e pós-conceitualismo’, aos colaboradores, ao conselho editorial, consultivo e a equipe de produção pelo tempo e dedicação; graças ao esforço de todos, conseguimos concluir o número 27 da Revista Poiésis.

Viviane Matesco